



O PAPEL DA MULHER NO POSITIVISMO ORTODOXO BRASILEIRO: UM PROJETO CONSERVADOR[√]

 Mabel Salgado PEREIRA*

RESUMO

A introdução do Positivismo Ortodoxo no Brasil ocorre em um momento de transformações políticas, econômicas e sociais. O papel reservado às mulheres no projeto de Augusto Comte, na construção de uma nova ordem social, sugere uma série de dificuldades se analisado no contexto urbano social do final do século XIX. Da mesma forma, a vinculação deste projeto com o aspecto religioso, via a Religião da Humanidade, demonstra a impossibilidade de adesão das mulheres instruídas capazes de levar à frente tal tarefa, elemento que consideramos importante para a não consolidação do projeto social comtiano no Brasil.

Palavras-chave: Positivismo Ortodoxo. Mulheres. Religião da Humanidade.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar a importância da colaboração feminina ao projeto de implantação de uma nova ordem social e política, pensada pelos líderes do Positivismo Ortodoxo Brasileiro, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Este estudo será dividido em duas partes. Na primeira, procuraremos indicar quais as expectativas dos positivistas ortodoxos brasileiros, fiéis à doutrina de Augusto Comte, com relação à participação da mulher na formação de uma nova organização social, marcada pelos princípios de ordem e hierarquia. A segunda parte verificará até que ponto essa auspiciosa colaboração das mulheres com o projeto positivista tinha condições de ser atendida pelo grupo feminino da classe média em formação.

[√] Artigo recebido em 07 de março de 2016 e aprovado em 30 de junho de 2016.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), área de concentração História Social da Cultura. Professora titular do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <mabels@uai.com.br>.

Esclarecemos, logo de início, que não pretendemos de forma alguma analisar em profundidade o pensamento positivista ortodoxo no seu conjunto. Tentaremos entender no lema “O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”, inscrito na fachada da Igreja Positivista do Brasil no Rio de Janeiro, a tarefa reservada às mulheres, procurando compreender o seu universo de opções.

Propomo-nos analisar as atribuições reservadas para as mulheres pelos positivistas ortodoxos brasileiros, buscando entender a possibilidade de uma militância/engajamento, ou não, conforme os objetivos do projeto em questão.

Considerando a indicação do projeto positivista ortodoxo como um bolchevismo de classe média (CARVALHO, 1998), buscaremos apoio somente em exemplos de mulheres instruídas da referida classe.

2 ESBOÇO DE UMA NOVA ORDEM SOCIAL

Para entendermos a importância do papel da mulher no projeto positivista, torna-se necessário ressaltar que ele traz, na sua concepção de ordem universal, a exigência de elementos fundamentais da organização social, como os princípios de autoridade, hierarquia e obediência.

Desta forma, em contrapartida ao modelo de organização social moderno, os positivistas apresentam o modelo de ordem medieval como ideal. Eles imaginavam uma sociedade de harmonia completa, em que se prescindia totalmente da dialética do conflito social.

Portanto, a nova ordem deve ser constituída com fundamentos bem diversos daqueles apregoados pelos liberais no início do século: enquanto eles proclamavam a necessidade da liberdade e da participação do povo, os positivistas colocarão ênfase nos princípios acima citados. Hierarquia e obediência são caracterizados como elementos responsáveis por um longo período de estabilidade política e social vigente na Idade Média (AZZI, 1980).

Nesse aspecto, a avaliação da fé católica é valorizada pelos positivistas, por ter-se constituído como sustentáculo da ordem social. Por essa razão, um dos líderes do Positivismo no Brasil, referindo-se ao regime católico-feudal, faz as seguintes considerações sobre a importância da religião, conforme podemos ler:

Pregando, porém, a supremacia do amor e a necessidade da pureza, obra com o engodo das recompensas pessoais de além-túmulo, e a ameaça de penas infernais também egoístas; erigindo em objeto de adoração um Deus que se comprove em encarnar-se no seio de uma pobre Virgem; que nasceu ao desamparo entre humildes animais; que passou a vida privando com os miseráveis e os desprezados da sociedade; que padeceu enfim morte ignominiosa decretada pelos grandes: o catolicismo determinou por toda parte um culto intenso de apego, da veneração e da bondade. Abateu o orgulho e a vaidade dos poderosos sem quebrar-lhe o prestígio; e exaltou a dignidade dos pequenos sem torná-los invejosos nem insurreccionados (MENDES, 1913, p. 184).

Apesar desse reconhecimento, os positivistas não escondem os condicionamentos que, segundo eles, haviam ocasionado a progressiva perda da influência e do prestígio da doutrina católica a partir do século XIV. De qualquer maneira, a moral católica, de caráter metafísico, cumprira sua missão essencial na organização social da Idade Média.

Existe, porém, uma diferença radical entre o pensamento medieval e a filosofia positivista. Enquanto a filosofia medieval baseara seus fundamentos últimos numa interpretação religiosa do universo e apelava para os valores de origem divina, o Positivismo procurava haurir os seus princípios da própria natureza humana e da evolução do conhecimento científico.

Não se trata de um processo de reconstrução do passado, denominado por Augusto Comte de “retrogradação”, mas da criação de uma nova ordem, realizada a partir da interpretação da própria realidade, condizente com as exigências do mundo moderno. Para essa tarefa, o criador do Positivismo não hesitou em transformar-se também num líder religioso e, assim, tornou-se o fundador da Religião da Humanidade.

A instituição da Religião da Humanidade era uma decorrência lógica da síntese criada por Augusto Comte: esta deveria ocupar no mundo moderno o lugar de destaque representado pelo catolicismo na época medieval. O sacerdócio da Igreja Positivista devia constituir um poder espiritual com força moral superior, a quem competiria a última palavra sobre a ética da nova ordem social. O princípio de superioridade deveria ser aceito como decorrência da própria evolução humana.

No Brasil, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, fiéis à doutrina de Augusto Comte, sonhavam com a implantação da ditadura republicana, que

seria instaurada sob a proteção de uma nova fé proporcionada pela Religião da Humanidade.

Diante dos objetivos dos positivistas, no caso brasileiro, percebemos um sistema perfeito de articulação entre os princípios de autoridade, hierarquia e obediência, para a implantação de uma nova fé e uma nova forma de governo. Nesse contexto, qual seria o papel das mulheres?

3 A CONTRIBUIÇÃO FEMININA

Segundo Augusto Comte, a grande estrutura da ordem universal tem sua base na ordem familiar. Somente na medida em que as famílias mantêm uma estrutura de ordem, torna-se possível atingir a ordem nacional e universal.

A presença feminina deveria contribuir no sentido de criar as condições para a sobrevivência do modelo familiar herdado do regime feudal, pois, segundo ele, é somente “no santuário da alma feminina que se pode hoje encontrar a digna submissão de espírito exigida por uma regeneração sistemática” (COMTE, 1934, p. 22).

O papel da mulher na sociedade brasileira colonial é recordado de forma elogiosa pelos positivistas, ressaltando que sua tendência religiosa e a assimilação dos valores transmitidos pela doutrina católica foram capazes de implantar uma moral tradicional, uma notável força familiar e, ao mesmo tempo, uma barreira contra o espírito racionalista e liberal. Nestes termos, o líder positivista reafirma que:

Cumprir não esquecer que a manutenção das crenças católicas facilitou consideravelmente a influência feminina de modo a só tornar possível a profunda anarquia moral na época em que se começou a operar a emancipação radical da inteligência. Ora isso só teve lugar há pouco anos (MENDES, 1902, p. 46).

Segundo a interpretação positivista, esse ideal feminino foi mantido e preservado com maior eficácia nos países católicos de tradição ibérica e, no caso brasileiro, facilitaria a aliança com as mulheres.

Assim, a função básica da mulher é manter a harmonia na sociedade doméstica, educar os filhos dentro da mentalidade da ordem, da sujeição e do respeito aos pais e, por extensão, aos adultos e às autoridades constituídas.

O lugar de sua atuação se restringe às paredes domésticas, onde ela se mantém como 'rainha do lar', na dependência econômica de seus maridos que, segundo Augusto Comte "deve sustentar a mulher, a fim de que ela possa preencher convenientemente seu santo destino social" (COMTE, 1934, p. 28).

Em sua primeira circular de 1881, o chefe do Apostolado Positivista no Brasil, Miguel Lemos, manifestava com grande satisfação os resultados obtidos no plano familiar nestes termos:

A nossa ação sobre a família já é também manifesta. O elemento feminino não pode deixar de simpatizar com a religião que deifica a mulher, que completa a monogamia católica pela viuvez eterna, e que lhe consagra o seu ideal de pureza pela mais sublime das utopias. Esta simpatia é hoje um fato que todos os positivistas verificam diariamente em suas relações. Além da influência modificadora sobre as famílias anteriormente constituídas, especialmente aquelas de que provimos ou a que estamos aliados, a formação de novas pelo casamento dos nossos jovens confrades promete-nos em breve famílias inteiramente positivistas, acontecimento que se tornará patente na educação dos filhos (LEMOS, 1990, p. 72).

O líder esclarece a relevância do papel feminino na construção de uma nova ordem social. O homem inicia todo o seu aprendizado de amor, obediência e submissão no seio da família e, espera-se a ampliação dessa ordem para o nível nacional e universal, sendo "transformada enfim em supremo arbítrio privado da educação universal" (COMTE, 1934, p. 27). Logo, ela deve contribuir para matizar a rigidez do autoritarismo masculino.

No plano do imaginário, os positivistas ortodoxos não hesitaram em cultivar a mulher através do mito da virgem-mãe, que lembra os símbolos do catolicismo; são representações de um ideal a ser atingido, mediante a implantação de uma nova ordem social. A aliança com o religioso nos apresenta um elemento ideológico forte, capaz de realizar a ação organizacional de toda a massa, deter a anarquia moderna e consolidar o projeto conservador pensado pelo grupo.

Estas são informações suficientes para entendermos a relevância da colaboração da mulher no projeto de construção de uma nova ordem e,

principalmente, para podermos avaliar o nível de aceitação/militância das mulheres brasileiras no projeto proposto.

4 MULHERES DO SEU TEMPO

Considerando especialmente as palavras de Miguel Lemos, em carta enviada à Laffitte, na qual afirma que no caso brasileiro a transformação seria obra das “classes liberais e instruídas” (CARVALHO, 1998, p. 192), pretendemos neste item nos deter somente no caso das mulheres que fazem parte deste grupo, na perspectiva de um entendimento sobre os espaços de opções que se colocam para elas no momento.

Dessa maneira, cumpre exemplificar o comportamento da mulher brasileira, de classe média e considerada instruída e, para tal, escolhemos apenas três grupos: um grupo de mulheres do Sul do país, outro de escritoras e, por último, as educadoras, todas em plena atividade na virada do século. Para evitar mal-entendidos, vale dizer que temos bem claro que o comportamento dessas mulheres não pode ser pensado para a totalidade das mulheres brasileiras, reconhecemos que a maioria delas vivia mesmo sem participação efetiva na sociedade e não se pode analisá-las sob a mesma ótica.

Da mesma forma que o número de positivistas ortodoxos ativos no Brasil era bem pequeno, a presença de mulheres com espírito empreendedor também era reduzido, o que não reduz em nada a importância de suas ações.

Outra informação importante para essa análise refere-se à questão historiográfica. Somente nos últimos anos a mulher passou a ser alvo de pesquisas mais profundas e, diante do número e diversidade de suas ações, devemos reconhecer que o assunto ainda merece atenção dos historiadores.

Começamos pelo Sul do país, região onde o Positivismo encontrou mais adeptos chegando mesmo a ter influência na elaboração de uma nova ordem social, sobretudo nas questões da legislação trabalhista de 1930 (CARVALHO, 1998, p. 199). As mulheres desta região são destaque no artigo de Pedro (1997), no qual é possível encontrar uma gama enorme de mulheres trabalhadoras em situações muito diversificadas.

Na perspectiva do Positivismo, que se apresentava como uma doutrina específica para a classe média, me detenho apenas nos exemplos de mulheres instruídas, como Roese Gaertner, de Blumenau, que no final do século XIX, destacava-se como diretora da agência da Companhia Fluvial; ou de Catarina Cavagnoli do Rio Grande do Sul que, possuidora de animais de cargas, iniciava as atividades de sua transportadora; ou Anna Joaquina Xavier e Maria Benedita Xavier, que na ausência de instituições financeiras em Desterro, capital de Santa Catarina, emprestava dinheiro a juros altos e levava à justiça aqueles que não pagavam (PEDRO, 1997).

A presença dessas mulheres nas repartições públicas, movendo processos judiciais nos revela que, apesar de esbarrarem em normas culturais diferentes do que fora proposto para as mulheres, elas se fazem presentes e destacam-se como profissionais.

Outro grupo de destaque, o das escritoras, aparece no artigo de Telles (1997) e, diante de um número muito grande de exemplos de mulheres que se destacaram escrevendo poemas, romances, peças de teatro, artigos para jornais e revistas, participando ativamente das campanhas abolicionista e republicana, enfim, em plena atividade literária, fica mesmo difícil escolher exemplos.

Porém, vale a oportunidade para citar este trecho da revista 'A Mensageira', da escritora Júlia Lopes de Almeida, de 1897:

Esta revista (...) dirige-se especialmente às mulheres incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça (...). Ensinará que, sendo o nosso, um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a família sem detrimento do trabalho do homem (AUAD, 1999, p. 348).

A leitura do Brasil que faz a autora, de um povo pobre, e o chamamento às mulheres ao trabalho é certamente uma análise muito próxima da realidade social. As aptidões ressaltadas que poderiam ser aproveitadas aparecem no texto como uma oportunidade de alargamento dos seus espaços, até então restritos ao lar.

Vale ressaltar que as escritoras, inspiradas por ideias europeias liberais, colocaram suas penas a favor de ideais democráticas e progressistas, de

modernização da nação, de libertação da mulher e elevação do nível cultural e material da população. Criticadas pelos conservadores, foram alvo constante de preconceitos que eram respondidos em forma de poesia, como esta de Narcisa Amália: “Quando intento librar-me no espaço. As rajadas em tétrico abraço. Me arremessam a frase – mulher . . . “(TELLES, 1997, 424)

Apesar dos obstáculos, a despeito das críticas, as escritoras brasileiras, do período em análise, publicaram suas obras, registraram seus ideais e, certamente, contribuíram para a libertação da mulher.

Por último, temos o artigo de Louro (1997), que analisa o papel das mulheres no campo da educação. Neste, a autora retoma as escritoras, citadas anteriormente, no momento em que denunciavam as condições em que viviam as mulheres e reivindicam sua emancipação, ressaltando a necessidade da educação como instrumento primordial deste processo.

Não vamos nos deter aqui nas possíveis explicações que associavam a carreira do magistério como uma extensão da maternidade e, conseqüentemente, tipicamente feminina. Interessa-nos, somente, deixar claro que este espaço passou a ser ocupado pelas mulheres e, para tal, vale observar a nota, na qual podemos ler que:

O magistério primário é em todos os países do mundo uma função feminina; no Brasil, as últimas cifras publicadas avaliam a cooperação das mulheres em quase 70% do total de funcionários encarregados do ensino. Particularmente em São Paulo, há uma crise de homens no magistério público. [...] Formaram-se, em 1881, nove homens e uma mulher, em 1882, nove mulheres e onze homens. [...] Daí por diante, desde 1888, o número de senhoras formadas normalistas foi gradativamente crescendo, a ponto de nos últimos dez anos ser quase o triplo (LOURENÇO FILHO apud LOURO, 1997, p. 452).

Esses números nos revelam a disposição das mulheres em ocupar espaços reservados ao sexo masculino. Desta forma, não parece ser possível reconstituir a história da educação no Brasil sem levar em conta a presença feminina.

Para concluir, vale dizer que construir a história das mulheres apoiada na trajetória destas, tidas como revolucionárias, pode resultar em uma construção idealizada, assim como, pensá-las apenas como subjugadas empobrecida por demais sua história. Sua presença em diferentes setores, provendo inúmeras formas de sobrevivência, demonstra sua capacidade de

engendrar discursos discordantes, subverter comportamentos, mesmo considerando que apenas nas cidades que se urbanizavam elas encontraram espaço onde pudessem se expressar.

5 EM BUSCA DE UMA RESPOSTA

O universo da mulher brasileira instruída no início do século XX já se encontrava conectado pelo sopro da modernidade. Desta forma, quando o projeto de uma nova ordem social proposto pelos positivistas lhes foi apresentado, outros caminhos também se encontram em questão.

Se pensarmos nos caminhos que as mulheres poderiam ter escolhido e levarmos em conta os modelos da época, certamente teremos que analisar qual o valor do papel feminino contido nestes.

No modelo patriarcal a mulher se encontra como uma peça da organização social e, segundo o escritor português Ramalho Ortigão, seus conhecimentos:

deveriam constar, na educação elementar, dos seguintes ramos de ensino: 1º curso de asseio e de arranjo; 2º curso de cozinha (química culinária); 3º) contabilidade, escrituração e economia doméstica (ORTIGÃO, 1985, p. 135).

Acrescentando, ainda, um vernizinho de francês, certa familiaridade com bordados e crochês e algumas peças tocadas ao piano. Os homens são, nesse modelo, dependentes da imagem de suas mulheres, o prestígio de sua família está diretamente ligado ao papel de sua esposa (D'INCAO, 1997, p. 238).

No modelo positivista ela aparece como um novo enfoque, este fundamental de toda a engrenagem: ainda dentro de casa, mas representada no papel de 'rainha do lar' e com maior relevância, diante das exigências também maiores proposta pelos positivistas: educar para os valores fundamentais exigidos pelo Positivismo.

Um aumento enorme de prestígio pode ser observado, sua valorização é alarmante. Porém, esse projeto, apesar de uma nova roupagem como: o culto à mulher, a relevância da educação familiar e o seu salário incluso no salário do marido, preserva sua base no modelo tradicional, baseado em

elementos conservadores: a mulher continua tendo o seu espaço de ação restrito ao lar.

A leitura dos caminhos e escolhas das mulheres de classe média e instruídas deve ser contextualizada no mundo de novidades experimentado na virada do século XIX para o XX, filtrar todas as novidades e manter-se no tradicional como pretendiam os positivistas não seria mais possível.

O modelo patriarcal logo sofrerá mudanças e, nos centros urbanos, um novo modelo de comportamento feminino, mais conectado com a modernidade ganha mais espaço, contribuindo para a maior libertação das mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O não engajamento das mulheres de classe média e instruídas ao modelo positivista pode ser analisado sob três aspectos: em primeiro lugar, ele separa a mulher das grandes decisões; seu espaço de ação fica restrito ao lar, logo, não representa um modelo atrativo. Além disso, devemos considerar que a função que se coloca para a mulher, educar os filhos dentro das exigências de uma regeneração social, traduz uma tarefa extremamente grande e, mesmo com toda estratégia de valorização/glorificação da mulher, não podia parecer aos olhos das mulheres de classe média e instruídas como um projeto compensador, diante da necessidade de uma entrega total e da necessidade de se fechar no seio do lar. Por último, as mulheres instruídas que tinham consciência mais lúcida estavam procurando romper com a hegemonia da sociedade patriarcal, criar espaços de maior autonomia e de liberdade de ação, o que já estava ocorrendo em alguns países europeus e nos Estados Unidos. Esses aspectos conflitavam com o projeto positivista conservador, tornando-o pouco viável.

Para concluir, vale dizer que todas as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, no final do século XIX e início do XX, contribuíram para que novas opções de escolha fossem surgindo para as mulheres e muitas delas foram capazes de trilhar novos caminhos e consolidar seus próprios projetos.

THE ROLE OF WOMEN IN THE

BRAZILIAN ORTHODOX POSITIVISM: A CONSERVATIVE PROJECT

ABSTRACT

The incorporation of the Orthodox Positivism in Brazil happens in a moment of political, economic and social changes. The women's role in the Augusto Comte's project of building of a new social order suggests a number of difficulties if analyzed in the urban social context of the late 19th century. In the same way, the linking between the religious aspects through the Religion of Humanity demonstrates the impossibility of accession of educated women able to take forward this mission, an element considered important for the non-consolidation of the Comtean social project in Brazil.

Keywords: Orthodox Positivism. Women. Religion of Humanity.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Sylvia Maria Von Atzingem Venturoli. **Mulher**: Cinco Séculos de Desenvolvimento na América. Belo Horizonte: Loyola, 1999.
- AZZI, Riolando. **A concepção da ordem segundo o Positivismo Ortodoxo Brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1980.
- CARVALHO, José Murilo de. A Ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média. In: _____. **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.
- COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1934.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 223-240.
- LEMONS, Miguel. **O Apostolado Positivista no Brasil**: 1ª circular anual (1881). 2ª ed. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista no Brasil: Rio de Janeiro, 1900.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.
- MENDES, R. Teixeira. **Benjamin Constant**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1913.
- _____. **A pátria brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista Brasileiro, 1902.

ORTIGÃO, Ramalho. Sociedade Patriarcal. **Revista Nosso Século (1900-1910)**. São Paulo, v. 01, p. 109-159, 1985.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORI, Mary (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 278-321.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 400-442.